

MODERN!SMO

Arquivo Virtual da *Geração de Orpheu*

modernismo.pt

Um filme-ensaio de Almada Negreiros
Fernando Cabral Martins

Artigo publicado na revista Colóquio/Letras, n.º 185, Jan-Abr 2014, Fundação
Calouste Gulbenkian.

Um filme-ensaio de Almada Negreiros

FERNANDO CABRAL MARTINS

AS LIGAÇÕES CINEMATOGRAFICAS DE ALMADA são fortes e remontam aos primeiros anos do Modernismo. A sua participação como ator no filme *O Condenado*, de Mário Huguin (filme que viria a desaparecer dos arquivos mas em que também colaboram José Pacheco e Stuart Carvalhais), data do mesmo ano em que apresenta a conferência e o livro *A Invenção do Dia Claro*, 1921. Ou seja, marca um ano central na sua vida de artista.

Mais tarde, filmes importantes foram feitos a partir de entrevistas filmadas com Almada: o de Manuel Varella, *Almada & Tudo*, rodado em 1968 e 1969 e terminado em 1998 (disponível em www.rtp.pt/rtpmemoria) e o de António Macedo, de 1969, *Almada Negreiros Vivo, Hoje*. E desenvolve-se desde 1967 um projeto de performance multimédia de Ernesto de Sousa, *Almada, Um Nome de Guerra*, que é realizado pela primeira vez em 1979.

No entanto, talvez a mais evidente prova da relevância fulcral dada ao cinema — sem contar com os dois ensaios de *Sudoeste* em 1935, em que o cinema é valorizado sobretudo enquanto novo revelador da importância simbólica essencial do teatro, e da conferência sobre *Branca de Neve*, de Walt Disney, primeira longa-metragem de animação da história do cinema e concludente prova da sua imaginação plástica, capaz de o transportar a um plano de novidade que para Almada pode ter sido inesperado — esteja num projeto que deixou datilografado e pronto a entregar. Esta é uma forma final que tem um esboço manuscrito, que se conserva também no espólio à guarda da família, e a que corresponde de forma muito direta. Está ainda acompanhado de um pormenorizado orçamento, o que mostra um grau de completude assinalável e já implica organização de grupo e trabalho de elaboração coletiva.

Inevitavelmente endereçado ao mesmo SNI que preparara a exposição retrospectiva de Amadeo em 1958, este projeto de filme documentário (cuja definição genológica deveria ser antes filme-ensaio, ou documentário crítico) está datado desse mesmo ano, e tem por objeto a pintura de Amadeo. Poderia ser descrito como um filme de Almada a expor a sua leitura da pintura de Amadeo. Ou ainda: um filme sobre a pintura de que Almada e Amadeo são parte e consequência. E até, mais precisamente: um filme sobre a arte de Vanguarda e sobre *Orpheu* na sua evolução para uma nova poética, que os anos pós-erupção de 1915-1917 vão impondo e a que a Neovanguarda nos anos 50

e 60 vem a dar um esplendor renovado (uma arte que a palavra Modernismo só vagamente refere). Este projeto é, ainda, um momento em que Almada confronta a forma escrita da sua leitura da obra de um grande pintor, cujo génio é o primeiro a celebrar, com uma possível forma cinematográfica dessa leitura, unindo a arte plástica do cinema com a crítica de uma obra plástica e com uma síntese da sua poética.

Num único movimento, conjugam-se a ideia almadiana da arte como *direção única* de todas as artes («Não há senão arte total», vemo-lo dizer no filme de António Macedo) e a sua interpretação da arte não-mimética da Vanguarda como modo mimético *superior* — aquele que manifesta a presença, mesmo no mais abstrato modo de representação, de uma experiência sensorial simples da vida concreta.

Assim, as linhas com que uma criança desenha uma flor, no célebre fragmento de *A Invenção do Dia Claro*, não correspondem a uma flor abstrata que seja, de algum modo estrutural ou simbólico, idêntica a uma flor concreta, mas a uma flor cujo modo de correspondência consiga estabelecer-se, literalmente, de forma não-mimética, porque essa identidade afirmada entre a flor vista e a flor desenhada deixa de ser da ordem da representação ótica para consistir no *gesto de desenhar uma flor*, ou seja, passa para a qualidade performativa de uma execução, em que alguém cria, pela simples ação de a desenhar, a única real ligação viva com a coisa desenhada.

É ainda esta teoria estética — aliás, relacionável com a poesia de Pessoa, mesmo que Almada, na altura, desconhecesse textualmente Alberto Caeiro — que em 1958 se projeta neste filme sem título (ou talvez intitulado apenas *Amadeo de Souza-Cardoso 1887-1918*). Teoria que no texto de apresentação para o catálogo da exposição de Amadeo, também publicado no *Diário de Lisboa* de 25 de maio de 1959 (de onde cito), é exposta como sendo o reconhecimento, numa viagem à terra geográfica e humana de Amadeo, das imagens essenciais da sua pintura: «Quando fui a primeira vez à terra natal de Amadeo, dezoito anos depois da sua morte, a luz na paisagem e as cores nas proporções eram as mesmíssimas nos seus quadros de pintura.» O filme vem traduzir em exemplos e casos os modos de tornar evidente essa leitura. E essa leitura vem mostrar até que ponto a figura de Amadeo pode dar fundamento à ideia, decisiva para o Almada dos últimos anos, que aqui é formulada como a transição do «abstracionismo» para a «arte abstrata» — sendo esta uma forma de arte sintética que apenas generaliza aquilo que no «ismo» anterior se tornara explosão de Vanguarda; e propondo, assim, uma teoria da história da arte moderna meio século depois do marco inaugural de Picasso com *Les Femmes d'Alger (O Jovem)*.

A leitura almadiana da pintura de Amadeo não sugere só uma atualização da teoria wildeana da natureza enquanto plasma modificável sob a influência

da arte, mas funciona também como descrição da sua experiência de amador de formas artísticas e de viajante. De facto, e tal como se tornou mote da Vanguarda nascente, é de uma visão que se trata: da visão de artista, da visão dos artistas, da visão *sui generis*. O mundo e a experiência resultam dessa visão, eles *são* essa visão, que é pessoal, mas tem de o ser até tão fundo que o humano transpareça para lá da aceção individual de pessoa.

Aí, de resto, é que começa o cinema. Isto, segundo a noção que Almada dele tem como artista. Numa das entrevistas que constituem o filme de Manuel Varela, conta Almada (e transcrevo): «também tentei fazer cinema animado, com os assuntos que eu estudava, de geometria». A ideia da utilização do cinema para estudo e divulgação das questões do número apresenta um exemplo eloquente da ideia de uma arte que usa o movimento como vetor plástico de realidades visuais geométricas, que é aquilo a que também chama a «visualidade interior» (*Sudoeste: Cadernos de Almada Negreiros*, n.º 2, p. 16 — cito a edição fac-similada da Contexto, Lisboa, 1982).

De facto, o cinema é sobretudo visto por Almada como documentário. No mesmo número de *Sudoeste* de outubro de 1935, enquanto ao teatro é cometido o papel de revelação que é próprio da arte, para o cinema é reservado o de divulgação: «O Cinema é jornal, ciência e folhetim. O Teatro é Arte» (p. 17). E o projeto sobre Amadeo aqui apresentado, cuja elaboração é datada de 1958, é ainda uma exemplificação tardia deste entendimento. Só que os 23 anos entretanto passados, com os desenvolvimentos que se deram na arte do cinema, criaram outra versão da natureza estética das suas potencialidades comunicativas. Quer dizer, é da categoria artística da revelação que o projeto passa a relevar, ele é feito dessa possibilidade de mostrar uma presença invisível, em tudo alheia ao espírito da reportagem, em tudo semelhante à operação de conhecimento que é própria da arte.

A noção inicial de que o cinema apenas «mostra», e por esse processo serve para «instruir», torna-se, no documentário aqui proposto sobre Amadeo, uma explícita exigência de arte, pois o uso consciente e sistemático da montagem cinematográfica promove a revelação das imagens, expondo a sua natureza, imagens que de uma ideia de representação analógica e diegética se veem revestir uma energia de conhecimento e de aprofundamento da «visualidade interior». Mais que uma panorâmica que informe sobre certos aspetos do mundo, o tipo de cinema aqui posto em projeto é uma máquina de transformação do mundo. Mostrando de que modo Amadeo pinta, de que modos se ligam os seus quadros a uma experiência que lhe é exterior, o filme quer ser uma viagem ao ponto em que uma ligação se estabelece entre duas naturezas, duas realidades, uma das quais comumente reconhecida, no campo de conceitos em que se move a obra de Almada, pelo termo *imaginação*.

AMADEO
DE SOUZA
CARDOSO

1887 - 1918

pintor

do abstracionismo

pioneiro

da arte abstracta

Pontualidade da Pintura

nos acontecimentos:

1 9 1 4

Primeira Guerra mundial

Abstracionismo

1 9 3 9

Segunda Guerra mundial

Arte Abstracta

Pinturas

Amadeo
de Souza
Cardoso

1914 - 1918

Manufe

Casa Souza Cardoso

(exterior e interiores) Cada aspecto interior ou exterior
quadros 8, 13 e 15 liga em sobreimpressão com os res-
1910 - 1912 - 1913 pectivos quadros.
(catálogo da exposição S.N.I.)

Panorama da região
aspectos da paisagem
identificados nas pinturas
em sobreimpressão

Mercado

Romaria

Montras de Capelista
e suas justaposições
a quadros e colagens

Pintura anonima

nas barracas das feiras
de tiro ao alvo
e comidas e bebidas
justaposição á cada um dos quadros

Pintura com colagem

(Cristo vermelho)

133 (catálogo S.N.I.)

Cruzeiros e alminhas minhotos

altares populares

Fachadas de casas populares

Vila do Conde

Espinho

e litoral cerca do Porto

com as suas justaposições

aos respectivos quadros

Bairros populares do Porto

Ribeira

Formeiros e arranjos interiores

das locandas

Colecção de tabuletas populares

relativa a quadros de Amadeo

Do naturalismo para
o abstracionismo.

Cabeças de gente do mar
e suas justaposições às
aguarelas 33 a 38 do
catálogo da exposição S.N.I.

1914

quadro de Braque }
quadro de Picasso } cubismo
quadro de Juan Gris } guitarras
quadro de Matisse } naturezas mortas
conjunto destes 4 quadros }

Quadros de Amadeo 1914 }
vários e sobretudo 134 do catálogo } idem

1916 - 1918

"abstracionismo"
título da exposição
Amadeo 1916

retrato inédito de
Amadeo no pátio-
placadeiro diante
do seu atelier

Literatura dos títulos
dos quadros de Amadeo
significando o sentido
abstrazante da sua pintura

Abstracionismo

85 (catálogo S.N.I.)

Trou de la Serrure

Parto da Viola

Bon ménage

Fraise avant garde

115 (catálogo S.N.I.)

Par fupar

1 2 1

116 (catálogo S.N.I.)

Luxuria do violino

iman

oscilação

vermelho cá dentro

e ao ar livre

122 (Catálogo S.N.I.)

Cabeça indigo

Mares d'Ossiam

Rose Orange

128 (catálogo S.N.I.)

Arabesco dynamico = Real

Oere rouge café

Rouge (cantante, couraceiro, bandolim)

Zig-Zag

Vibrações metálicas

(esplendor mecano-geométrico)

Apoteose do
abstracionismo

Longas e numerosas referências naturalísticas e cênicas da chegada à abstracção
(músicas populares portuguesas, música de Eric Satie, Pauline,
Hannemann - etc. (o grupo dos seix))

132 (Catálogo S.N.I.)

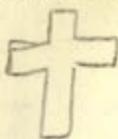
Ascensão do quadro verde

Descrição cinematográfica
da ascensão do quadro verde
em cada um dos seus pormenores
abstractos no movimento do
próprio quadro
e em ligação com os motivos
abstractos de outros quadros de
Amadeo

25 Outubro 1918

AMADEO

DE SOUZA CARDOSO



A casa de Espinho onde morreu

Amadeo

Dedicatória a

Mme. Lucie de Souza Cardoso

Viuva de Amadeo

F I M

ORÇAMENTO DO FILME/DOCUMENTÁRIO CULTURAL DE 300 A 400 METROS
EM COR (EASTMANCOLOR) COM A OBRIGATORIEDADE DE ENTREGA DE
UMA CÓPIA AO S.N.I. QUE FICARÁ PROPRIETÁRIO DO RESPECTIVO
NEGATIVO (DISTRIBUIÇÃO DE FILMES CASTELLO LOPES, LDA.)

Guião, direcção artística,
 texto e locução
 de
 Almada Negreiros

Realização
 de
 Augusto Fraga

Direcção de Produção
 de
 Manuel de Queiros

Operador
 Abel Escoto

Entrega da cópia até 30 de Julho de 1959

1.200 metros de filme negativo	18.000\$00
1.200 metros revelação negativo imagem	6.000\$00
600 metros cópia imagem	3.600\$00
600 metros filme positivo	3.000\$00
400 metros revelação som	720\$00
600 metros filme som	1.350\$00
30 metros trocaçen	1.600\$00
projecções	200\$00
sonorização e discos	5.000\$00
Operador	7.500\$00
Câmara	4.500\$00
Projectores e charriot	15.000\$00
Pessoal auxiliar	5.000\$00
Efeitos de laboratório a fazer em Espanha	20.000\$00
Realização Realização	50.000\$00
Cópia síncrona com 300/400 metros	4.800\$00
Desenho de legendas etc.	3.600\$00
Transportes	15.000\$00
Montagem	10.000\$00
Guião, direcção artística, texto e locução	100.000\$00
	<hr/>
10% de imprevistos	274.670\$00
	27.467\$00
Total	<hr/> 302.137\$00 <hr/>